POR QUE UM HINDU ACEITA CRISTO E REJEITA O IGREJISMO[1]

Swami Abhedananda[2]

Um hindu distingue a religião das igrejas, da religião de Jesus, o Cristo. Falando do ponto de vista hindu, a religião que as igrejas defendem e pregam hoje, construída em torno da personalidade de Jesus, o Cristo, e popularmente conhecida como Cristianismo, deveria ser chamada de "Igrejismo", em contraste com aquela pura religião do coração que foi ensinada por Jesus, o Cristo, e praticada por seus discípulos. A religião de Cristo, ou o verdadeiro Cristianismo, não tinha dogma, credo, sistema ou teologia. Era uma religião do coração, sem cerimônias, sem rituais, sem sacerdócio; não se baseava em nenhum livro, mas nos sentimentos do coração, na comunhão direta da alma individual com o Pai Celestial.

Em contraste, a religião da igreja baseia-se em um livro, acredita em dogmas, professa um credo, possui um sistema organizado para pregá-la, é sustentada por teologias, realiza rituais, pratica cerimônias e obedece aos comandos de uma multidão de sacerdotes.

A história popular do Igrejismo começa em 325 d.C., o 20º ano do reinado de Constantino, o Grande, quando o famoso Concílio foi convocado na cidade de Niceia. Aqueles que leram a vida desse augusto imperador romano lembrarão quão notável era o caráter desse suposto piedoso defensor dos dogmas da igreja. Ele matou seu próprio filho e sua esposa Fausta por suspeitas infundadas, executou seu cunhado Licínio e o inocente filho de Licínio e massacrou todos os seus rivais. No entanto, a Igreja Grega o canonizou e venera a memória de São Constantino.

Foi Constantino, o Grande, quem emitiu um decreto em 321 d.C. para a observância geral do domingo, em vez do Sabbath (sábado) judaico. Ele odiava os judeus e tudo relacionado a eles e disse: "Este dia será considerado uma ocasião especial de oração, porque é o dia do Sol, o dia de nosso Senhor". Desde então, a igreja aceitou esse decreto, ignorando que esse era o dia de adoração ao sol entre os pagãos.

Foi Constantino, o Grande, quem decidiu qual seria o credo da igreja e ordenou que os bispos reunidos aceitassem os decretos do Concílio de Niceia como ditames do Espírito Santo. Desde então, a igreja atribuiu autenticidade a esse credo, repetido quase todo domingo em todas as igrejas ortodoxas da Cristandade.

[1] Tradução ao português do livreto *Why a Hindu Accepts Christ and Rejects Churchianity*, publicado pelo *Ramakrishna Vedanta Math*.

[2] Swami Abhedananda (1866-1939), foi um Discípulo direto de Sri Ramakrishna e espalhou a mensagem da Vedanta no Ocidente de 1897 a 1921, quando retornou a Índia para continuar a missão de Sri Ramakrishna e Swami Vivekananda.

Os relatos horríveis de fraude, manipulação política, malabarismo teológico, fofocas eclesiásticas, paixões que se transformavam em maldições e anátemas, massacres sangrentos e assassinatos desumanos nos concílios ecumênicos mostram que esses foram os principais instrumentos na construção do credo do Igrejismo.

Os leitores da história eclesiástica lembrarão que, em uma das disputas após o grande Concílio de Niceia, donzelas foram insultadas e açoitadas, o templo sagrado foi profanado, livros foram lançados às chamas, a igreja e o batistério foram queimados, e monges foram pisoteados. Tais foram os feitos dos piedosos bispos e fundadores do Igrejismo.

No Concílio de Éfeso (431 d.C.), monges e bispos gritavam: "Quem falar de duas naturezas é um Nestório, e que seja cortado ao meio!" Um bispo foi chutado até a morte por outro bispo durante seus debates, e 137 cadáveres foram deixados em uma igreja para atestar os argumentos convincentes com que o lado mais brutal provou sua ortodoxia.

Tais eram as assembleias de santos que formaram os pilares do Igrejismo. Podemos facilmente imaginar a natureza do espírito que guiava esses concílios que estabeleceram o credo da igreja. Desde o início da história das igrejas até os dias atuais, a liberdade de pensamento e de expressão — características essenciais da verdadeira religião — foram suprimidas. Fanatismo, intolerância, maldições, anátemas, perseguição religiosa, torturas da Inquisição e crimes diabólicos foram cometidos em nome da religião. Ódio, crueldade e conflito reinaram no lugar do amor, misericórdia, bondade, paz e boa vontade. O credo da igreja teria desaparecido do mundo se espadas não fossem empunhadas e sangue inocente não fosse derramado em nome da religião. As ações do Igrejismo estão escritas de forma indelével nas páginas da história religiosa do mundo. Portanto, devemos nos surpreender se os corações humanos, gentis e pacíficos dos hindus — sempre prontos a emanar boa vontade, bênçãos e uma corrente de amor pela humanidade, e até por todas as criaturas vivas — rejeitam o Igrejismo? Devemos nos admirar que os hindus, que reconhecem a Divindade na alma de todos, se recusem a aceitar um sistema fundado no solo árido dos dogmas, fertilizado com as forças vitais extraídas dos corações da humanidade inocente e nutrido pelo sangue dos mártires?

Por uma estranha ironia do destino, o hindu vê hoje que os seguidores do Igrejismo, ignorando sua história passada, vieram à Índia para dizer aos chamados "pagãos" como o Igrejismo civilizou o mundo, como trouxe paz à terra e como salvou as almas dos pecadores. Mas o hindu é um amante da Verdade e da Liberdade. A liberdade de pensamento e de expressão são suas estrelas-guia. Desde os tempos antigos, a busca pela Verdade e o amor inabalável por ela forçaram a mente dos hindus a investigar racionalmente tudo o que lhes é apresentado. É muito difícil persuadir um hindu a acreditar cegamente em qualquer coisa. Antes de aceitar um

dogma como verdade, ele deve rastrear sua origem, pesar todos os argumentos, prós e contras, e então compará-lo com os mais elevados ideais conhecidos em sua própria terra. Estimulado por essa tendência natural e por seu amor à verdade, quando um hindu estuda os fundamentos do Igrejismo, ele primeiro lê a Bíblia da forma mais crítica possível, aplicando lógica e razão a cada passo. Ele também examina os escritos dos eruditos e críticos ocidentais que analisaram as escrituras cristãs do ponto de vista da pesquisa histórica.

Conheço muitos hindus que leram "*A Era da Razão*", de Thomas Paine, antes mesmo de abrir uma página da Bíblia. O hindu sabe que houve grande controvérsia no século atual entre os estudiosos ocidentais sobre a personalidade histórica de Jesus de Nazaré, conforme descrita nos Evangelhos Sinóticos. Portanto, ele duvida do aspecto histórico da figura de Jesus nos Evangelhos. Ele também sabe que as pesquisas dos críticos textuais da Bíblia mostraram que as narrativas dos Evangelhos canônicos sobre os eventos da vida e dos ensinamentos de Jesus de Nazaré não harmonizam com os fatos históricos encontrados em outras fontes.

Um missionário prega na Índia que o Novo Testamento é a Escritura revelada, ou a palavra de Deus. No entanto, os hindus educados sabem que Jesus não deixou nenhum escrito próprio, nem seus discípulos diretos escreveram qualquer um dos Evangelhos que a igreja mais tarde aceitou como a palavra infalível e revelada de Deus. Eles também estão cientes de que não há registros contemporâneos da vida e dos ensinamentos de Jesus, seja na Bíblia ou fora dela, e que os escritos mais antigos, em ordem de composição, são as epístolas genuínas de Paulo. Das quatorze atribuídas a ele, apenas quatro são consideradas autênticas: Romanos, 1ª e 2ª Coríntios e aos Gálatas.

Além disso, Paulo nunca viu Jesus, o Cristo, exceto uma vez em visão, e apenas uma vez citou suas palavras — uma única frase, em referência à Última Ceia: "Este cálice é a nova aliança no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que o beberdes, em memória de mim." Muitos ministros ortodoxos das igrejas admitem que Paulo introduziu vários dos dogmas posteriormente aceitos pelo Igrejismo. É fato bem conhecido que Paulo não pregou a religião de Cristo; se o tivesse feito, não poderia ter se vangloriado de ter resistido a Pedro face a face em Antióquia. Aos seguidores do Igrejismo que pregam aos hindus que o Novo Testamento é a palavra revelada de Deus, o hindu pergunta: "Se Deus quis revelar Sua palavra, por que inspirou tantos homens diferentes a escrever a história de um mesmo evento? E por que quase todos esses escritos, exceto quatro, foram depois rejeitados como fraudulentos ou incorretos?"

Não ouvimos falar dos quatro Evangelhos canônicos até o tempo de Irineu, bispo de Lyon na Gália (178-200 d.C.), o verdadeiro fundador do Cânon da Igreja. Foi Irineu quem primeiro mencionou quatro Evangelhos. Seus argumentos para aceitá-

los foram notáveis, embora não convincentes. Ele disse: "Não é possível que os Evangelhos sejam mais ou menos em número que quatro. Pois, como há quatro cantos da terra, quatro elementos, quatro estações e quatro ventos cardeais, a igreja deve ter quatro pilares; por isso, deve haver quatro Evangelhos." Que argumento engenhoso deste famoso bispo!

Além disso, há tantas inconsistências, discrepâncias e erros nos Evangelhos que nenhum estudioso crítico entre os hindus poderia afirmar que eles são a palavra infalível e revelada de Deus. Como a igreja sustenta essa teoria e prega a infalibilidade desse livro, os hindus a rejeitam como um dogma eclesiástico.

Quando os hindus leem o Credo dos Apóstolos ou os "Doze Artigos de Fé" — mantidos e ampliados no Credo Niceno, que formou a base da Teologia da Reforma e evoluiu para os Trinta e Nove Artigos do credo anglicano —, eles encontram um conjunto de dogmas que não são apoiados nem pela ciência, nem pela filosofia, e tampouco apelam à razão. Esses artigos devem ser aceitos, independentemente de fazerem sentido ou não. Mas a mente hindu não está disposta a aceitar nenhum desses artigos de fé como verdade, a menos que sejam baseados em raciocínio sólido e corroborados pela ciência ou filosofia. Um hindu afirma que, se Deus nos deu razão, entendimento, intelecto e liberdade para usá-los, estaríamos indo contra Sua vontade se aceitássemos algo cegamente, apenas pela autoridade de alguém. Devemos questionar, devemos testar cada afirmação no cadinho da lógica, no fogo do raciocínio correto. Portanto, antes de aceitar qualquer artigo de fé, um hindu insiste em examiná-lo.

O primeiro artigo do credo é uma grande pedra de tropeço para um hindu, pois está ligado à história da criação. A narrativa do Gênesis, que descreve o mundo sendo criado em seis dias, do nada, por um ser extracósmico, parece absurda e infantil para um hindu, pois ele foi criado com a crença na doutrina da evolução — a ideia de que o mundo é o resultado de um desenvolvimento gradual. A mente hindu não consegue crer que este mundo foi criado há 6.000 anos, que a Terra existia antes que o Sol fosse criado. O hindu diz que o autor dessa história, seja divino ou humano, deveria ter oferecido uma explicação mais razoável. Nos extensos escritos dos sábios e filósofos hindus, antigos e modernos, não há nenhuma teoria de criação a partir do nada ou por um ser externo ao cosmos. Como o Igrejismo prega essa ideia, o hindu a rejeita como um dogma absurdo.

O segundo artigo do credo baseia-se na crença em Jesus como o único Filho de Deus. Isso não oferece nada novo à mente hindu, exceto em seu exclusivismo. A doutrina da encarnação de Deus ou Logos, (ou "Verbo") é uma teoria indo-ariana. Os hindus acreditam que já houve e ainda haverá muitas encarnações divinas. A ideia do Logos ou Verbo ou Filho de Deus, viajou da Índia para a Grécia, expressando-se nos escritos de filósofos como Heráclito, Platão e os neoplatônicos, nos escritos de Philo e

seu seguidor – o escritor do Quarto Evangelho – até que foi aceita como doutrina fundamental pela igreja.

Embora muitos hindus acreditem na doutrina da encarnação de Deus em forma humana, eles rejeitam veementemente o método dogmático com que as igrejas pregam isso entre os "pagãos".

Sua primeira objeção é que se Deus pode se encarnar em um lugar, para um certo propósito, por que não faria isso sempre que tal encarnação fosse necessária? Os dogmas da igreja limitam o amor de Deus a um tempo, lugar e nacionalidade específicos. O amor de Deus pela humanidade deve ser ilimitado por tais estreitas considerações. Deus ama toda a humanidade. Seu amor brilha igualmente sobre todas as criaturas vivas, como a luz do sol. A concepção hindu da encarnação de Deus está expressa lindamente no *Bhagavad Gita*, onde Krishna diz: "Sempre que a virtude declina e o vício prevalece, Eu me manifesto em forma humana para estabelecer a retidão e destruir o mal."

Entre as encarnações reconhecidas pelos hindus estão Krishna, Buddha, Rama e outros. Quando um hindu compara a vida e os ensinamentos de Jesus (nos Evangelhos Sinóticos) com os de Krishna e Buddha, ele se surpreende com as incríveis coincidências em cada detalhe — desde o nascimento virginal e a estrela guia até a ressurreição e ascensão aos céus. Krishna viveu por volta de 1400 a.C. e Buddha nasceu em 547 a.C. Muitos estudiosos europeus do século XIX, ao analisarem imparcialmente as religiões orientais, demonstraram que os Evangelhos Sinóticos, sendo escritos em data posterior, podem ter incorporado elementos de suas importantes verdades das narrativas da vida e ensinamentos de Krishna e Buddha, na Índia.

Quando os primeiros missionários cristãos chegaram à Índia e viram essas semelhanças, alguns, como Sir William Jones, tentaram explicá-las dizendo: "O diabo, prevendo a vinda de Cristo, criou antecipadamente uma religião parecida." Os leitores da história do simbolismo conhecem a cruz como um símbolo religioso na Índia muito antes de Cristo, séculos antes de a igreja cristã adotá-la como sua propriedade exclusiva. A mente hindu não acredita em monopólio religioso. Por isso, ela rejeita as pretensões do Igrejismo.

O Igrejismo retrata de forma dramática a tentação e queda de Adão do Paraíso, buscando nesta 'queda' encontrar a origem do mal e explicar como o pecado entrou no mundo. Mas este relato não encontra aceitação entre os hindus. Eles o veem como a mitologia de um povo primitivo, a explicação de mentes não desenvolvidas, que acreditam que um homem que viveu cerca de 4.000 anos antes de Cristo foi o progenitor de toda a raça humana, e que porque ele pecou, todos os seus descendentes nascem pecadores. Os hindus sabem, e sabem há incontáveis eras, que tal relato da criação é irracional e anticientífico. Pesquisas modernas provaram a correção de seus

pontos de vista, pois evidências de uma vasta nação com civilização altamente desenvolvida, existindo sete ou oito mil anos antes de Cristo, foram recentemente descobertas em Nippur. Como, então, é possível para um hindu aceitar tal teoria da origem do pecado? Milhões de pessoas viveram e morreram antes que Adão fosse 'criado'. Como sua conduta poderia afetá-los? O hindu acredita que todos os homens são filhos de Deus, e que herdam a divindade como direito de nascença. Eles dizem que o pecado significa egoísmo e traçam sua causa, não a qualquer diabo mitológico, nem a um poder sobrenatural do mal, mas à ignorância do homem de sua natureza divina, e do fato de que Deus habita em cada alma individual. Enquanto não conhecermos nossa verdadeira natureza, nos identificamos com as limitações da mente e do corpo e nos tornamos egoístas; mas no momento em que podemos perceber que Deus habita em nós e compreender nossa verdadeira natureza, nos tornamos altruístas e livres de todos os pecados. O fogo do verdadeiro conhecimento da natureza divina queima todos os pecados em cinzas e faz a alma perceber que é livre. Sendo esta a concepção de pecado entre os hindus, eles não se importam com um esquema especial para a salvação das almas. Eles não acreditam na doutrina do fogo do inferno, nem em qualquer inferno como um lugar de punição eterna, portanto não precisam de qualquer ajuda de um mediador. Aqueles que acreditam em punição eterna podem sentir a necessidade de um Salvador dela. Quando o Dr. John Henry Barrows, o conhecido missionário, foi à Índia, ele se dirigiu a uma audiência inteligente em uma das grandes cidades e pregou essa doutrina. Após a palestra, um dos ouvintes se levantou e disse: "Senhor, pensávamos que você tinha vindo de um país esclarecido para nos esclarecer; não sabíamos até agora que seu esclarecimento não é melhor do que o que chamamos de superstição." Depois que o Dr. Barrows retornou à América, ele disse que havia milhares de brâmanes que estavam esperando para ser batizados e pediu à sua audiência que enviasse mais missionários, e desse mais dinheiro para esse propósito. Um conhecido orador, ouvindo isso, disse: "Meus amigos, por que vocês não enviam um caminhão de bombeiros em vez disso; não seria muito mais barato?"

O dogma da igreja ensina a doutrina da expiação vicária; isso horroriza os sentimentos ternos e a natureza amorosa dos hindus; eles não interpretam este ato como um ato de misericórdia ou de amor por parte do Pai celestial, mas dizem que foi um ato de crueldade e injustiça de Sua parte permitir tal sacrifício de Seu filho inocente.

O próximo dogma do Igrejismo é a ressurreição do corpo. A maioria das igrejas acredita que Jesus, o Cristo, foi o "primeiro fruto dos mortos", o único que jamais ressuscitou após a morte. Os hindus não acreditam na ressurreição física, pelas mesmas razões que os cientistas e os melhores pensadores do Ocidente não aceitam este dogma. A crença hindu é que a alma é imortal e indestrutível; e por morte eles

entendem apenas uma mudança de corpo. Toda a filosofia e religião hindu se baseia na doutrina da imortalidade da alma; mas muitos dos missionários afirmam que os hindus não acreditam na imortalidade. Pelo contrário, esta doutrina é tão bem conhecida e tão amplamente aceita pelos hindus que é desnecessário para qualquer um ir à Índia e tentar prová-la pela ressurreição tradicional de uma única pessoa. Os hindus têm argumentos melhores do que isso. Eles dizem que há duas coisas necessárias para a prova da imortalidade, a pré-existência da alma, e sua existência após a morte. Se algo é criado, ou se algo tem um começo, deve ter um fim; esta é a lei da natureza. Se as almas dos homens foram criadas por Deus a partir do nada, elas não podem ser imortais, devem morrer. É ilógico afirmar que a alma que foi criada deveria existir para sempre. Se você deseja preservar a imortalidade, primeiro prove a pré-existência da alma. As igrejas não acreditam na pré-existência da alma, mas pregam sua vida eterna após a morte, o que os hindus dizem ser absurdo em face disso e contrário a tudo o que sabemos das leis da natureza. Nos escritos dos hindus você encontrará que a alma do homem é descrita como livre do nascimento e da morte. No *Katha Upanishad* e no *Bhagavad Gita*, ocorre aquela bela passagem tão familiar na América por Emerson: "Se o matador pensa que ele matou, ou se o morto pensa que ele foi morto, eles não sabem bem que a alma não pode nem matar nem ser morta." Como o Igrejismo prega que a alma do homem teve um começo, mas não terá fim, os hindus não podem aceitá-lo.

O próximo dogma da igreja é a doutrina da predestinação e da graça, que torna Deus parcial e injusto, enquanto os hindus acreditam na doutrina mais racional e científica da reencarnação das almas. Essa teoria explica de forma mais satisfatória os problemas da vida e da morte, sem atribuir parcialidade ou injustiça a Deus.

O Igrejismo ensina que Deus pune os ímpios e recompensa os virtuosos, enquanto a filosofia hindu ensina a lei do karma — a lei de causa e efeito — e afirma que Deus não pune nem recompensa, mas que nós mesmos nos punimos ou recompensamos por nossos atos. Punição e recompensa são as reações de nossas próprias ações. Outra razão pela qual os hindus não podem aceitar o Igrejismo é que seu ideal mais elevado é ir para o céu e desfrutar dos prazeres da vida pela eternidade. Para os hindus, porém, o mais alto ideal religioso não é o prazer eterno, mas a realização da consciência divina e a liberação, ainda nesta vida, dos grilhões da ignorância e do egoísmo. A salvação deve começar aqui; devemos ser perfeitos aqui, e o além cuidará de si mesmo.

Embora os hindus não aceitem os dogmas do Igrejismo, não hesitam em reconhecer Jesus, o Cristo, como Filho de Deus — uma encarnação da Divindade em forma humana na Terra. A concepção hindu da encarnação divina é muito mais racional e profunda do que a dos cristãos. Quem leu o *Bhagavad Gita* compreenderá o que os hindus entendem por encarnação da Divindade na terra.

Para os hindus, não importa se Jesus teve uma personalidade histórica ou não. Eles entendem a palavra *Cristo* como aquele estado supremo de consciência divina onde toda dualidade desaparece, onde a ideia de separatividade cessa para sempre, e onde o fluxo irresistível da essência divina do Espírito universal, rompendo todas as barreiras da consciência humana, nos faz perceber nossa unidade eterna com o Pai celestial no plano espiritual. Quem alcança esse estado torna-se um Cristo — seja Krishna, Buddha ou Jesus de Nazaré. O nome específico não faz diferença para um hindu. Todos são grandes, todos são divinos, todos são encarnações de Deus na Terra. Mostre-me alguém que atingiu esse estado, e eu o venerarei como uma divindade viva na Terra. O cristão pode acreditar que Jesus foi a maior de todas as encarnações; o buddhista pode pensar o mesmo sobre Buddha; e o seguidor de Krishna ou Rama pode dizer o mesmo sobre seu Mestre. Mas, quando examinamos as vidas desses seres divinos, percebemos que cada um foi tão grandioso quanto o outro. Um pode ter manifestado um aspecto da divindade; outro, um aspecto diferente. Quando Jesus de Nazaré viveu uma vida de renúncia e pregou a unidade espiritual como o objetivo supremo de todas as religiões, ele demonstrou que compreendia o estado de Cristo-Consciência. Mas as pessoas comuns, esquecendo a grande missão de Jesus, discutem apenas sobre sua personalidade histórica. As massas brigam pela suposta superioridade desta ou daquela encarnação, e os seguidores de cada uma tentam converter os outros. O sábio, porém, tem pena de todos e procura libertá-los da superstição, do fanatismo, do preconceito racial e da perseguição religiosa. A religião de Cristo era uma religião de amor, renúncia e autocontrole; uma religião de consciência divina. Como esses são os ideais mais elevados para os hindus, eles aceitam Cristo e Sua verdadeira religião na medida em que ela coincide com esses ideais, mas quando veem que o Igrejismo não prega a renúncia, que seus defensores não praticam o amor universal nem demonstram autocontrole, e que governos cristãos promovem vícios como o comércio de ópio, de bebidas alcoólicas e introduzem substâncias intoxicantes entre povos inocentes e moderados apenas por ganância, os hindus rejeitam uma religião que permite tais coisas. Eles acreditam em Jesus, o Cristo, como Filho de Deus, e sabem que Ele não ensinou nada disso.

O dever da verdadeira religião é ampliar a mente humana, abrir os olhos espirituais, conduzir a humanidade à realização de sua unidade com o Supremo Pai celestial e acabar com todas as disputas sobre dogmas e credos. Enquanto não formos espirituais, brigamos e discutimos. Mas quando percebemos que Deus habita em nós, que somos todos filhos de Deus — independentemente de nacionalidade, credo ou denominação —, quando nos elevamos acima de todos os dogmas, crenças, teorias e sectarismos, só então nos tornamos verdadeiros seguidores de Cristo. Só então podemos dizer, como Jesus: "Eu e o Pai somos um." Os hindus deixam de lado a personalidade disputada, mas aceitam o princípio-Cristo que habita em cada alma e

acreditam que cada ser é um Cristo em potencial. Eles creem que a voz de Deus revela essa verdade dentro de cada um, mas nós não a ouvimos devido à nossa ignorância e egoísmo. Krishna diz: "Abandonando todas as formalidades da religião, vem a Mim, refugia-te em Mim, e Eu te libertarei dos pecados, das tristezas e dos sofrimentos."

Jesus diz: "Vinde a Mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e Eu vos aliviarei." Ouçamos essa voz, pois é uma só. Sigamo-la. Realizemos o espírito do verdadeiro cristianismo que foi exibido na vida de Jesus de Nazaré. Vivamos como Ele viveu e sejamos Cristos vivos na Terra. O hindu não se contenta em aceitar Cristo apenas na teoria; ele se esforça para viver como Jesus viveu — uma vida de renúncia, autocontrole e amor a todos. Assim, ele busca cumprir os mandamentos daquela Religião Eterna que foi ensinada por Cristo-Krishna, Cristo-Buddha, Cristo-Jesus.

• • • • •